

NEUROSE

Duda Piliçari

(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO)

Deliro em minha neurose no horário de aula, e de repente, tudo me parece lento – as conversas, os movimentos das mãos e das bocas, cada vez mais me sinto incorpórea. Corpórea em meio a pessoas volúveis, que se derretem, mas incorpórea pela incapacidade que tenho de me encaixar e me agarrar – tenho aura incolor. Saio da sala. Tudo o que eu vejo são os riscos no chão preto, marcas dos sapatos e as linhas dos azulejos. Oito linhas verticais perfeitamente alinhadas se agrupam; torno à esquerda, e lá são cinco linhas. Me sinto presa no irregular estreitamento, e sinto nos ossos minha pequenez perto da grandeza dos que me cercam, ao mesmo tempo em que os olho e os vejo mínimos. Jamais poderei tocá-los. Chego ao fim do corredor, vou ao banheiro – urino pelo que parece ser uma eternidade, me perguntando se a professora sente minha falta. Tudo me parece lento até o momento em que me atraso. Se tudo ao redor divaga, será que vale a pena ser assídua? O peito obsessivo se alinha à frequência da minha bexiga estourada. Carrego-me pro fim da aula, aqueles seus últimos minutos. A poesia não me parece pronta, termino-a em segundos, dura até os apressados passos para ir pra casa; meus devaneios me tiram uma aula, e o que vem de dentro ecoa mais alto. Torno para casa, em meio a luz amarelada do deserto urbano. Nessa noite assedio o orvalho, o pingo da garoa no asfalto, o poste que pisca e me leva a pensar nos perigos noturnos – aprecio o cheiro do declínio outonal da relva e seu verde bionecrótico. Não consigo enxergar estrelas.